



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

POSSE DA SRA. MARLY SARNEY
NA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
NACIONAL DA CNEC

Brasília, DF
18 de agosto

Exaltação da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade que, há 43 anos, vem realizando importante obra educacional.

Agradeço ao Dr. Felipe Tiago Gomes e aos demais oradores que me precederam, suas amáveis palavras.

Conheço de perto a CNEC. Fui dos que ajudaram nos seus primeiros passos no Maranhão. Fui professor cenequista.

Não é, portanto, de hoje minha admiração pela obra que o Dr. Felipe Tiago Gomes tem realizado ao longo de 43 anos.

Admiração pelo entusiasmo. Pela coragem. Pelo altruísmo.

Devo, aqui, interromper as palavras escritas para contar um episódio que está na história da CNEC no Maranhão.

Há 40 anos passava pelo Maranhão um intelectual francês, muito conhecido, o professor Benjamin Péret. E, no seu programa de passagem por São Luís, estava in-

cluída uma conferência sobre os impressionistas. Quando foi realizada a conferência, havia apenas seis pessoas.

Diante daquela dificuldade, chamei Aricéya e encontramos uma solução. A escola da CNEC, que naquele tempo chamava-se Campanha Nacional de Ginásios Gratuitos, ficava ali perto. A solução era mandar buscar os alunos, que lá estavam, para assistirem à conferência do Professor Benjamin Péret sobre impressionismo. De repente o auditório começou a encher. Pessoas de sandálias, outras de tamancos, pessoas vestidas muito simplesmente. E de repente o Professor Péret começou a ficar impressionado com o auditório. Fez a sua conferência durante 45 minutos e a assistência estava profundamente fascinada. Quando ele saiu, chamou-me e a Ferreira Gullar e disse: «Não posso esquecer esta conferência do Maranhão. Nunca pensei que a arte aqui despertasse tanto interesse no meio popular».

Essa é uma história que está na História e nas ajudas que a Campanha pode prestar em determinados instantes.

Sei como foi o início. Sem recursos. Sem qualquer apoio.

Mas com tudo aquilo que é essencial e que acaba vencendo todos os obstáculos: a dedicação, o amor, a vontade de ajudar aos que precisam.

Essa firme vontade de ajudar e a vontade de aprender daqueles que não tinham recursos, são as razões do êxito da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade.

Quem não se emociona com a história dos primeiros tempos da campanha do ginásiano pobre? Quando alunos freqüentavam as aulas de pé, por falta de cadeiras? O grande poeta que lutou pela liberdade, contra a escravidão, deu o nome à primeira escola: o Ginásio Castro Alves. Os pioneiros da Campanha, em plena Segunda Guerra Mundial, lutavam também pela liberdade, com a arma eficaz da educação.

Hoje, milhares de brasileiros agradecem o trabalho realizado. Graças à Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, puderam seguir seus estudos, ter uma profissão. E os quase meio milhão de alunos de hoje terão, no futuro, o mesmo reconhecimento.

A semente, plantada no Recife pelo idealismo e entusiasmo de alguns jovens, dá frutos em todo o Brasil.

O Governo da Nova República entendeu a necessidade de valorizar as iniciativas e atividades comunitárias. Pois cada comunidade é que conhece suas próprias necessidades.

A prioridade, que estamos dando ao social, passa por essa valorização. Será através da conjugação de esforços de todos, dos programas do Governo, das iniciativas da sociedade, no nível nacional e no comunitário, que conseguiremos criar aquela condição básica da democracia: a igualdade de oportunidades, de educação, de saúde, de trabalho.

A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade prova que as comunidades podem se organizar, contribuindo para o próprio aprimoramento cultural, para o desenvolvimento de técnicas e tecnologias voltadas para suas necessidades básicas, para as atividades artesanais ou para a implantação de microempresas surgidas de maneira autônoma e democrática.

A CNEC já vem desenvolvendo um magnífico trabalho de implantação de centros comunitários rurais e urbanos, verdadeiros núcleos de aprendizado e criação no nível da comunidade.

Senhoras e senhores

Uma das grandes preocupações do atual Governo é o meio rural. E nisto há uma perfeita sintonia com as palavras do Professor Felipe Tiago Gomes.

Há poucos dias definimos um conjunto de medidas que vão modificar a face da zona rural. No campo é que está a origem de nossos problemas urbanos. Se no campo tivermos escolas, serviço integral de saúde, emprego, não haverá razão para que ninguém deixe a terra que cultiva, que lhe dá o alimento e o produto para seu negócio, para buscar a incerteza e correr o risco da miséria nas periferias das grandes cidades.

O Governo firmou um convênio com a CNEC para a implantação das Escolas Rurais Comunitárias. Idéia sim-

ples, mas que pode modificar em pouco tempo o panorama do ensino no campo.

A CNEC tem a nos mostrar, não apenas seu enorme e importante trabalho, mas também seu exemplo. Exemplo de participação comunitária, de coragem, de perseverança, de dedicação ao bem público, de crença no trabalho coletivo, de amor ao próximo.

Marly sempre foi entusiasta da CNEC e agora se junta mais ainda a seu trabalho, assumindo a presidência de seu Conselho. Ela tem sido forte e incansável companheira.

Antes de terminar estas palavras, eu desejo prestar uma homenagem a Aderbal Jurema, a quem Marly sucede. Aderbal foi um grande idealista, um grande brasileiro e muito se dedicou a esta campanha. A ele, todos nós devemos uma homenagem. E o que eu espero é que Marly possa ajudar esta grande equipe que aí está, para que a CNEC seja cada vez mais o que ela tem sido, o que ela será para o futuro do Brasil.